

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Carlos Roberto Goes

**O SER PROFESSOR NA CONTEMPORANEIDADE: Entre a Utopia
de Mudar o Mundo e o Desencantamento com a Realidade.**

Porto Alegre
1º Semestre
2014

Carlos Roberto Goes

**O SER PROFESSOR NA CONTEMPORANEIDADE: Entre a
Utopia de Mudar o Mundo e o Desencantamento com a Realidade.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura apresentado à Comissão de Graduação de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosimeri
Aquino da Silva

Porto Alegre

1º Semestre

2014

Carlos Roberto Goes

**O SER PROFESSOR NA CONTEMPORANEIDADE: Entre a
Utopia de Mudar o Mundo e o Desencantamento com a Realidade.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura apresentado à Comissão de Graduação de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Sociais.

Aprovado em 16 de julho de 2014.

Prof.^a Dr.^a Rosimeri Aquino da Silva - Orientadora

Prof.^a Dr.^a Dóris Maria Luzzardi Fiss - Avaliadora

Resumo

Este trabalho tem por objetivo discutir qual o papel do professor na contemporaneidade, partindo de posturas docentes identificadas em minhas vivências escolares e por meio de bibliografia referente à profissão docente. Nesse sentido, em minha experiência, identifiquei duas perspectivas docentes: um professor utópico que acredita na docência como forma principal de transformar o mundo e outro, um professor desencantado, refém das circunstâncias que permeiam a profissão. Para encontrar alternativas à essas duas formas, utilizei-me de alguns teóricos que abordam a questão da docência: Maurice Tardif, Philippe Perrenoud e António Nóvoa. Por fim, nas considerações apresento a idéia de que as duas formas de docência identificadas por mim possuem aspectos necessários à docência, no entanto é preciso encontrar o equilíbrio desses e valer-se dos conhecimentos teóricos já elaborados para a efetivação de uma prática benéfica a todos, especialmente aos professores.

Palavras-chave: Trabalho docente. Papel do professor. Contemporaneidade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 PROFISSÃO DOCENTE	8
2.1 DA GRÉCIA À MODERNIDADE	9
2.2 DESAFIOS ATUAIS	15
3 A DOCÊNCIA QUE PRESENCIEI	19
3.1 A UTOPIA DA DOCÊNCIA COMO PRIMEIRO CAMINHO DA TRANSFORMAÇÃO	19
3.2 O PROFESSOR DESENCANTADO: REFÉM DAS CIRCUNSTÂNCIAS	21
4 ALGUMAS ALTERNATIVAS: NEM A UTOPIA, NEM O DESENCANTAMENTO	23
4.1 A DOCÊNCIA COMO INTERAÇÃO, PERMEADA POR SABERES.	23
4.2 AO PROFESSOR O QUE É DO PROFESSOR	25
4.3 A EDUCAÇÃO POR COMPETÊNCIAS	28
5 CONSIDERAÇÕES	31
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

É injusto que a sociedade nos considere os únicos responsáveis pelo fracasso de um sistema educacional massificado, apressadamente maquiado para fazer frente a avalanche da crise social, econômica e intelectual de nossa sociedade. Sobretudo quando ninguém se atreve a redefinir funções porque pode se tornar impopular. (ESTEVE, 1999, P.19)

O presente trabalho intitulado “O ser professor na contemporaneidade: entre a utopia de mudar o mundo e o desencantamento com a realidade” tem por objetivo discutir qual o papel do professor na contemporaneidade, quais os principais desafios e inquietações para o exercício da docência. O ser professor – tanto o sujeito professor, quanto a ação docente – na contemporaneidade supõe novas perspectivas e novas atitudes frente aos desafios e ao imaginário que cerca a educação, mais especificamente a atividade do professor.

O interesse por esse tema surgiu durante minha trajetória no curso de Licenciatura em Ciências Sociais, especialmente nos dois estágios obrigatórios, tanto nas práticas, quanto nas discussões com os demais colegas. Essa vivência me propiciou o contato com duas formas principais de “ser professor”: uma forma utópica, em que o professor acredita na transformação da sociedade por meio da educação e se vê como o caminho para tal fim; outra forma desencantada, em que o professor se sente refém das circunstâncias, do sistema escolar, da cobrança da sociedade, de sua própria cobrança, demonstrando uma completa resignação frente as dificuldades da profissão.

Diante desse quadro questionei-me que tipo de professor eu queria ser, os exemplos a minha frente não me motivavam nem me encantavam a trilhar o caminho da docência. Mas a experiência em sala de aula foi o combustível para a minha busca por uma forma de docência alternativa a essas. Essa busca se deu tanto por meio de pesquisa bibliográfica sobre o tema da docência, quanto por uma construção individual das minhas ideias de docência.

A idéia geral que se tem em relação à educação¹ é de que ela será a responsável pela transformação da sociedade, pela conquista da igualdade, pelo fim das injustiças, ao menos é isso que a mídia, governantes, políticos e alguns setores empresariais tentam passar para a população em geral. Devido a essa explicação surge o pensamento de que se a sociedade vai mal, muito da responsabilidade é dos professores.

Nesse sentido de valorização muitas iniciativas vêm se desenvolvendo por parte de alguns setores da sociedade como grupos de mídias, instituições financeiras e entidades empresariais. Apenas para exemplificar esse movimento cito duas ações: A educação precisa de respostas, do grupo de mídia RBS, e o Todos pela educação, inicialmente desenvolvido por entidades empresariais como o grupo Gerdau por exemplo. Percebe-se assim a importância que esses setores destinam a educação, ainda que questionemos o objetivo que propõe alcançar.

Como discurso essa valorização funciona muito bem, convencendo a muitos, inclusive professores, da importância extremada da educação na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e desenvolvida. Contribui também para uma cobrança excessiva em relação aos docentes, que aceitam isso de forma passiva incorporando esse discurso às suas reclamações. É comum na rotina dos professores a crítica aos colegas com base nesse imaginário.

Tendo a educação a importância ora mencionada, não podemos deixar de considerar um importante personagem: o professor. Essa foi minha maior inquietação, qual o papel do professor na contemporaneidade, em uma sociedade em constante transformação. Como ser professor sem crer na utopia ou cair no desencanto?

Para uma melhor compreensão apresento primeiramente alguns aspectos da profissão docente em uma breve evolução da docência ao longo da História. Partindo da Grécia até a modernidade e os desafios atuais que se apresentam aos professores. Realizada essa contextualização discorro sobre as duas práticas que constatei – não foram as únicas – mas as considero mais significativas em

¹ Quando utilizo o termo educação estou referindo-me à educação formal, aos sistemas de ensino, embora saibamos que a educação em seu sentido amplo vai muito além dos muros da escola, ocorrendo em muitos espaços, a chamada educação não formal.

minha trajetória docente. A seguir, apresento aspectos do pensamento de alguns teóricos como forma de subsidiar minha caminhada na busca por alternativas as formas de docência referidas anteriormente. Por fim apresento o que considero um caminho a ser trilhado durante minha atividade docente.

2 PROFISSÃO DOCENTE

Ser professor é o mais impossível e o mais necessário de todos os ofícios
(NOVOA, 2003)

Refletir sobre o papel do professor pressupõe necessariamente considerá-lo como sujeito desse processo. Dessa forma, é possível buscar respostas para o que mais me inquieta em relação à docência. Essas inquietações ficaram ainda mais latentes quando entrei em sala de aula, quer como aluno de licenciatura, quer como professor estagiário.

Nesses espaços, mas não só neles, duas posturas me chamaram a atenção: de um lado àqueles que mitificam a docência considerando-a como a única possibilidade de mudar o mundo por meio da transmissão de saberes que desconstruam o *status quo* estabelecido; de outro o desencantamento total com a realidade educacional, marcada por queixas e resignação. No meu entender, essas duas posturas são exageradas e equivocadas, e em nada contribuem para a realização daqueles que escolhem o magistério como profissão.

A questão que fica dessas inquietações é: em que grau essa mitificação do papel do professor como transformador permeia o imaginário dos professores que seguem sendo formados nas universidades ou se ela, em sentido contrário, está sendo substituída ou contrabalançada em especial nas últimas décadas por uma visão pessimista e desencantada sobre a profissão docente e tudo que a rodeia.

E, além desse questionamento fica para mim uma certeza: ambas visões, mais do que isso, posturas, não são benéficas nem para a educação, nem para os próprios professores que se tornam as maiores vítimas da falência do sistema educacional que estamos vivenciando na contemporaneidade. E por outro lado são sempre apontados como os maiores culpados. Todos dirigem suas críticas aos professores: políticos, mídia, sociedade e mesmo muitos professores, Nóvoa (2003) afirma “os professores estão na mira de todos os discursos. São o alvo mais fácil a abater”.

Sendo assim, é imprescindível que identifiquemos novas posturas para a atuação docente, que respondam aos desafios que se apresentam e tragam bem-estar para o exercício desse ofício tão importante e necessário. Na tentativa de

identificar uma “terceira via” da docência utilizei-me de vasta literatura existente sobre o tema.

O caminho que trilhei nessa jornada, muitos já trilharam, talvez a diferença é que mais do que respostas a um problema de pesquisa, buscava respostas às minhas inquietações quanto a atuação que quero ter na profissão que escolhi.

Nas ciências sociais, um dos tipos de pesquisa mais comum é a observação participante, que consiste na inserção do pesquisador no grupo que está pesquisando, ele não é um mero observador, pois participa ativamente das situações, interagindo com os outros. Em analogia à observação participante, na realização desse trabalho posso afirmar que fiz uma pesquisa bibliográfica “participante”, pois a cada leitura realizada, a cada dúvida esclarecida, a cada novo conhecimento adquirido, mais do que encontrar respostas ao problema de pesquisa estava respondendo minhas próprias dúvidas.

Nas próximas páginas, é esse trajeto que pretendo mostrar: como a atividade docente se apresenta, sua evolução, seus desafios, suas alternativas, e ao final espero encontrar não respostas fechadas, mas caminhos a serem trilhados, pois a docência é como a própria aprendizagem da vida, nunca está concluída. Então os caminhos que encontrar hoje, podem não servir no amanhã.

Para uma melhor compreensão da função docente, atualmente, considero indispensável discorrer de forma sucinta sobre a evolução da docência ao longo do tempo.

2.1 DA GRÉCIA À MODERNIDADE

A educação é uma atividade humana e, conforme Saviani (2006) está diretamente ligada ao trabalho, para ele “A origem da educação coincide, então com a origem do homem mesmo” (p.154). Na origem da humanidade a educação era a própria vida, o trabalho era ensinado trabalhando. Não havia espaços específicos e nem pessoas destinadas para a atividade educacional, todos os espaços e todas as pessoas estavam envolvidas no processo educativo.

No entanto, com a evolução da humanidade e o desenvolvimento de tecnologias como a escrita foi possível novas configurações e posturas em

relação aos conhecimentos elaborados e novas formas de transmissão foram sendo criadas:

Com o surgimento da escrita amplia a possibilidade de articulação abstrata do pensamento, que passa a não se basear unicamente na memória pessoal. A lei, agora escrita, tende a libertar-se da arbitrariedade dos reis e submeter-se a dimensão humana da discussão. (COSTA, 1995, p. 64)

Além disso, Saviani (2006) afirma que a divisão em classes (senhor e escravo) ocorrida na antiguidade determina a distinção de duas modalidades de educação: uma destinada a classe proprietária e outra destinada aos não proprietários, escravos e serviçais. A primeira modalidade deu origem a escola.

Diante do exposto, podemos considerar que a docência, como conhecemos hoje, tem suas origens na Grécia antiga, ainda que de forma bem diversa, pois ela adquirirá a concepção atual por volta do século XVI. Naquela época a figura do professor já se colocava como uma necessidade, surge assim a figura do pedagogo². Esse professor era responsável por proporcionar aos jovens cidadãos gregos livres a compreensão do mundo, a habilidade de argumentação com o intuito de emanciparem-se através do conhecimento.

A educação dos membros da classe que dispõe de ócio, de lazer, de tempo livre passa a organizar-se na forma escolar, contrapondo-se à educação da maioria, que continua a coincidir com o processo de trabalho (SAVIANI, 2006, p.156).

Começa aqui uma distinção que acompanhará a educação até nossos dias, essa escola que fiz referência se destinava às classes abastadas, enquanto os demais obtinham a educação por meio do trabalho, não em uma escola, ou por meio de uma pessoa que se distinguiu por uma função estritamente voltada para a educação.

² O termo pedagogo, tem origem grega, tendo surgido na Grécia antiga e o significado etimológico é preceptor, mestre, guia, aquele que conduz. Segundo Ghiraldelli Júnior (2007), o Pedagogo era responsável por conduzir a criança. Ele guiava a criança até o local de ensino e de forma metafórica em direção ao saber.

Durante a Idade Média ocidental marcada pelo avanço do cristianismo o trabalho docente se insere “em outro referencial filosófico pedagógico.” (COSTA, 1995, p.72).A igreja católica transforma-se em detentora do saber e do conhecimento, tudo que foi produzido pela humanidade até então em termos de conhecimento encontra-se sob domínio da igreja católica, toda herança greco-romana está em seus monastérios. A consequência disso é que a educação é apropriada pela igreja e destinava-se a elite, só os filhos dos nobres tinham acesso.

Uma marca preponderante do período em que a educação esteve a cargo da Igreja é o desempenho do trabalho docente como sacerdócio, como vocação. O professor tinha como tarefa professar a fé católica como uma verdade única. Mais do que qualquer outra coisa, era indispensável ao professor ensinar uma doutrina. Além disso, a docência era considerada uma vocação, um chamado de Deus, aliás essa era outra condição essencial para o exercício da docência.

Essa situação permanecerá até o fim do período medieval quando o poder da igreja é abalado e um novo modo de produção começa a se estruturar: o capitalismo, que incidirá diretamente sobre a educação. Para Saviani (2006) “A relação trabalho-educação sofrerá uma nova determinação com o surgimento do modo de produção capitalista” (p.158). A esse respeito Costa (1995) conclui “Assim, na sociedade moderna emergente inscreve-se o surgimento definitivo de uma civilização de base escolar que se consolidará, incessantemente, até os nossos dias.”(COSTA, 1995, p.75)

As relações sociais deixam de fundar-se sobre laços naturais e passam a pautar-se por laços sociais. Em decorrência disso, a escola assume outro papel:

(...)o domínio de uma cultura intelectual, cujo componente mais elementar é o alfabeto, impõe-se como exigência generalizada a todos os membros da sociedade. E a escola, sendo o instrumento por excelência para viabilizar o acesso a esse tipo de cultura, é erigida na forma principal, dominante e generalizada de educação. (SAVIANI, 2006, p.158)

A função docente era voltada estritamente para a formação intelectual e destinava-se apenas a elite. Esta disposição se alterará com o advento da Revolução industrial quando “os principais países assumiram a tarefa de

organizar sistemas nacionais de ensino, buscando generalizar a escola básica. Portanto, à Revolução Industrial correspondeu uma Revolução Educacional: aquela colocou a máquina no centro do processo produtivo; esta erigiu a escola em forma principal e dominante da educação.

Desde então, o funcionamento das escolas é pautado pelo desempenho das fábricas. A produção capitalista traz a necessidade de ampliação do acesso à educação para formação de mão de obra, ainda que a introdução de máquinas tenha dispensado a exigência de qualificação específica, impôs, por outro lado, que os trabalhadores tivessem um patamar mínimo de qualificação geral. Apesar dos avanços, a escola continuava apresentando dualidade: uma educação voltada a formação de trabalhadores e outra destinada a formação da elite dirigente.

Com a urbanização e industrialização acelerada no século XIX, novas expectativas são destinadas à educação, devido à complexidade maior do trabalho, exigindo maior qualificação da mão de obra.

É nesse mesmo século que surgem as Escolas Normais, destinadas a formação de professores. A figura do mestre é substituída pelo professor, geralmente pertencente as classes econômicas menos favorecidas. Estas circunstâncias possibilitam a identificação entre os professores, dando origem a uma identidade profissional que ao longo do tempo sofrerá forte desvalorização, especialmente após a entrada das mulheres que passam a ser a maioria entre os professores.

A inserção da mulher na carreira docente ocorre maciçamente desde o início do século XX e é um fenômeno internacional que se reproduzirá no Brasil. Para Costa (1995) isso ocorreu por que as mulheres não sentiram a reprovação da sociedade ao atuarem como professoras, e também porque se fazia uma ligação entre a docência e a maternidade. Esse processo se deu por que “as mulheres foram de certa forma impelidas para ele em função do argumento construído e reafirmado dentro da lógica do patriarcado, em sua versão moderna, de associação da tarefa educativa com a maternidade.” (COSTA, 1995, p.160).

A adesão das mulheres à profissão docente transformou-a em uma profissão primordialmente feminina. Esse fato é apontado muitas vezes como uma das causas da desvalorização da profissão, já que vivemos em uma

sociedade marcada pelo machismo, que até bem pouco tempo não dava voz as mulheres.

Outra consequência dessa feminização da docência, é o afastamento dos homens que tinham possibilidades de seguir carreiras que lhes dariam mais reconhecimento, maior status e melhor remuneração. De acordo com Costa (1995), outro aspecto que influencia o afastamento dos homens é que:

(...) a docência cada vez mais regulamentada, normatizada e menos autônoma, propiciando o afastamento dos homens que viam no ensino flexibilidade e informalidade que os permitia articulá-lo com outras ocupações. Este é mais um fato que reforça o que se convencionou dizer sobre as mulheres que elas são mais sujeitas e acostumadas ao controle, as mulheres se adaptaram com mais facilidade às novas características da ocupação. (p. 162)

Ao consultarmos os dados sobre os professores no Brasil, constatamos facilmente esse fenômeno de feminização da profissão, de acordo com o censo Escolar da Educação Básica de 2007, no Brasil 81,94 % dos professores são do sexo feminino, no Rio Grande do Sul essa proporção é ainda maior: 86.97% são mulheres. Não pretendo aqui me aprofundar acerca dessa discussão, mas é inegável que por ser uma profissão exercida majoritariamente por mulheres permitiu que o estado não a valorizasse adequadamente:

(...) o poder estatal passou a remunerar precariamente seus quadros, iniciativa em que foi favorecido por lidar com uma força de trabalho feminina emergente, à procura de espaço no mundo laboral, e despreparada para atuar no campo político das negociações salariais.(COSTA, 1995, p.165)

Apesar disso, nas décadas de 70 e 90 do século passado, os professores atingiram o ápice da identidade de categoria por meio de lutas e movimentos reivindicatórios para o reconhecimento da profissão, exemplo disso é a greve de treze dias em 1979 realizada pelos professores do Rio Grande do Sul organizados em torno do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul

– CEPERGS, em um período de nossa história marcado pelo regime militar, em que protestos, manifestações e greves eram duramente reprimidos.

Data desse período, outro acontecimento que terá repercussões diretas na atuação docente no Brasil: a massificação da escola e a consequente universalização do ensino fundamental acontecida na transição para o século XXI. A escola até então destinava-se a poucos, as classes pobres estavam excluídas e a partir desse momento são paulatinamente alcançados pela escola pública. Uma nova realidade educacional se configura sem que tenha ocorrido uma previa preparação tanto da escola, quanto dos professores para receber esse novo público. A dualidade da educação antes referida e que a tem acompanhado durante seu desenvolvimento, se faz presente com outra configuração, com a inclusão das classes pobres na escola pública, as classes mais abastadas encaminham seus filhos para as escolas particulares, agora responsáveis pela formação da classe dirigente e dos profissionais liberais. As escolas públicas devem preparar para o trabalho.

Esse debate permanece latente ainda hoje e afeta diretamente o trabalho do professor, ainda mais quando os governos estabelecem normas a atividade docente que visam a esses fins, exemplo disso, é o estabelecimento do ensino politécnico no Rio Grande do Sul para os alunos do Ensino Médio. Verifica-se assim uma interferência externa no trabalho do professor e muitas vezes ele não está preparado para essas mudanças propostas e precisa se reinventar. Nesse sentido, também podemos identificar a proposta de organizar o ensino por meio de áreas do conhecimento, uma proposta de interdisciplinaridade, sem que os professores tenham a formação necessária para tanto.

Após tudo que foi descrito e discutido até aqui sobre a atividade docente muitas dúvidas ficam para ser respondidas. Qual o papel do professor? O que ficou dessa trajetória, o professor é um mestre, um sacerdote, tem que ter vocação, é uma profissão como qualquer outra, é profissão de mulher? O professor tem que ser um especialista ou ter conhecimento interdisciplinar, deve preparar os alunos para o trabalho, para a vida, para a cidadania ou para tudo?

É essa a realidade que se apresenta a quem decide se dedicar ao ofício de professor nos dias de hoje, incertezas, dúvidas, críticas, cobranças, desvalorização e responsabilidades. O que esperar da docência na

contemporaneidade então? É esse quadro de desafios que pretendo descrever nas páginas que seguem.

2.2 DESAFIOS ATUAIS

A configuração do mundo que começa a tomar forma nas últimas décadas do século XX e início do XXI impactam a realização da função docente. E esse impacto será negativo para autoridade do professor enquanto detentor de saber e também quanto a sua importância para a formação das novas gerações, a atualização e aquisição de novos conhecimentos se apresentam como uma necessidade.

A revolução tecnológica e o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, a evolução e ampliação do acesso à internet propiciaram que as informações circulassem em quantidade e com velocidade nunca antes vista na história da humanidade. O acesso a essas informações proporcionou uma alteração na relação com o conhecimento e incidiu diretamente sobre o trabalho docente.

O professor tem a necessidade de integrar essas tecnologias a sua rotina de trabalho, mas não apenas como incremento é preciso que isso faça parte de um processo educacional que faça sentido e tenha significado tanto para alunos quanto para os próprios professores.

Nossa época é conhecida como era do conhecimento, já que os conhecimentos com essas tecnologias estão acessíveis a todos e, além disso, o conhecimento é a nova fonte de riqueza e, portanto os olhos se voltam para a educação como importante para a transmissão dessa nova fonte de riqueza.

Com o avanço do capitalismo e a supremacia do neoliberalismo a profissão docente tem passado por situações tensas na busca por uma identidade, não por acaso alguns teóricos falam em crise de identidade do professorado. A pressão por resultados interfere no trabalho e na vida dos docentes, o estresse é uma realidade na profissão, muitos desenvolvem o chamado Burnout, a síndrome da desistência.

O Burnout ou síndrome da desistência, algo como “perder o fogo” ou “perder a energia”, é uma síndrome em que o trabalhador perde o sentido de sua relação de trabalho e nada mais importa para ele e qualquer esforço parece ser inútil (CODD e VASQUES-MENEZES, 2006). Essa síndrome atinge profissionais que trabalham diretamente com pessoas, e os profissionais da educação são um dos grupos que mais apresentam a ocorrência do Burnout.

Além disso, devido às condições de trabalho, a desvalorização e falta de reconhecimento da profissão, o aumento da carga de trabalho consequência da má remuneração, os professores são acometidos do mal-estar docente tema tratado por diversos autores como Nóvoa (1999), Esteve (1999), Arroyo (2004) e Tardif e Lessard (2005). Esses são aspectos diretamente relacionados a atividade docente, porém não podemos desconsiderar a configuração da sociedade atual, a chamada sociedade do conhecimento, pós modernidade ou modernidade líquida (Bauman, 2001).

O mal-estar docente é definido por Esteve (1999) como um conceito que explica as consequências negativas sobre a personalidade do professor das suas condições de trabalho e apresenta-se em diferentes graus, desde a insatisfação com o trabalho até a depressão. Muitas são as formas de manifestação desse mal-estar: absenteísmo, stress e desejo de abandonar a carreira.

Esse mal-estar é influenciado por diversos fatores: sociais, políticos, pessoais e de formação. As exigências em relação ao professor aumentaram de forma inversa ao aumento da remuneração. Cada vez mais o professor precisa incorporar conhecimentos diversos daqueles que adquiriu durante sua formação. Além disso, o professor precisa lidar com a realidade do aluno, muitas vezes adversa, envolta em injustiças, violência e ausência da família, a atuação do professor transcende os aspectos didático-pedagógicos. Isso gera um desgaste muito grande.

Os questionamentos que são feitos em relação a profissão docente partem de um ideário de educação que talvez nunca tenha se realizado na história. Quando as coisas na sociedade não vão bem a culpa é dos professores. Esses questionamentos partem de uma premissa que vê a docência como algo singular esquecendo da complexidade das relações presentes no trabalho do professor.

As críticas são tão numerosas que muitas vezes o próprio professor:

(...) tende a se culpar desde seus primeiros encontros com a realidade cotidiana do magistério, porque em muito pouco tempo descobre que sua personalidade tem muitas limitações que não se encaixam no modelo de “professor ideal”, com o qual se identificou durante o período de formação inicial. (ESTEVE, 1999, p.50).

As transformações que a profissão passa ao longo dos anos interferem em seu papel dentro da sociedade criando muitas lacunas e um distanciamento enorme entre o ideal dos professores e o trabalho docente em sua realidade. A consequência disso é visível na prática dos professores, o que cria um círculo vicioso, pois se já eram criticados, ficam mais desmotivados, menos engajados, mais descontentes, por outro lado os governos e a sociedade tem cada vez mais um discurso de desconfiança e de cobrança ao professorado.

Ser professor na atualidade é vivenciar uma profissão marcada pela contradição. Todos nos discursos valorizam a educação, mas a realidade dos professores, agente principal da educação, são de precarização do trabalho, desvalorização e críticas.

É comum em campanhas políticas todos os candidatos afirmarem que valorizarão a educação, exaltando suas virtudes e a importância que ela tem para o desenvolvimento do país e das pessoas. E na prática o que fazem? Nada, ou muito pouco, a remuneração dos professores continua baixa em relação às outras funções de nível superior ou mesmo com exigência de formação menor que a exigida dos professores. As condições de trabalho continuam precárias, a imposição de normas permanece, enfim muda tudo do discurso de campanha para a prática.

Também, presenciamos constantemente a mídia e setores empresariais enaltecendo a educação e defendendo uma educação de qualidade, porém são discursos que não se traduzem em apoio real aos professores na luta por melhores condições de trabalho – e isso passa obrigatoriamente por melhores salários. Quando os professores fazem uso de seu último recurso – a greve – para obter conquistas, esses setores são os primeiros a criticar, esquecendo que sem professores motivados e valorizados não há possibilidade da educação dar bons frutos.

Por fim, a sociedade em geral é contraditória em relação a educação, é normal os pais dizerem aos filhos que sem escola eles não serão nada na vida, não podemos esquecer também de uma fala bem comum de que todos os profissionais tiveram professores. Esse é o discurso da valorização da educação, por outro lado, mais comum é ouvirmos palavras de negação à docência, ninguém quer que seu filho seja professor, quando se fala que quer ser professor, ninguém parabeniza pela escolha, ao contrário, há um desencorajamento total, todos os problemas são apontados, especialmente a baixa remuneração e a falta de reconhecimento.

É nessa contradição que o professor tem que exercer sua profissão que parece ser um mal necessário em nossa sociedade, todos exaltam sua importância, mas a valorização e o reconhecimento nunca chegam. E essa situação gera muitos conflitos, desafios, problemas de saúde, de identidade profissional, entre outros.

Realizado essa contextualização dos desafios atuais, a reflexão que proponho a seguir parte de duas concepções de docência que tenho me deparado seja no curso de licenciatura, seja na convivência com outros professores em espaços educacionais.

3 A DOCÊNCIA QUE PRESENCIEI

É neste cenário de desafios, mudanças, cobranças, contradições, doenças, crise e exigências que aqueles que escolhem esse “ofício impossível” terão de exercê-lo. É importante ressaltar que deixei de abordar outros aspectos tão importantes nessa profissão como a questão da formação, avaliação, relação com os alunos entre outras.

Apesar de todos os avanços tecnológicos, transformações sociais, a escola continua no centro de todos os debates e discussões sobre o futuro e o progresso. Seja ela vista como a culpada ou como a solução, os professores estão inseridos nesses debates, normalmente como culpados, e ainda assim todos os anos muitos novos professores são formados nos cursos de licenciatura.

Sendo assim, é necessário que discutamos qual o papel do professor na contemporaneidade? Ainda que, saibamos que não devemos generalizar, para os fins a que se destinam esse trabalho, apresento a seguir as duas formas principais de atuação docente que presenciei em minha curta trajetória docente ainda que como estagiário.

3.1 A UTOPIA DA DOCÊNCIA COMO PRIMEIRO CAMINHO DA TRANSFORMAÇÃO

Um dos aspectos comuns a muitos discursos elaborados por professores é a crença na importância primordial da educação e conseqüentemente da atuação do professor no sentido do aperfeiçoamento do aluno e da qualidade de vida social. É um pensamento quase que iluminista. A esse respeito Nóvoa (1994) afirma:

A história da escola sempre foi contada como a história do progresso. Por aqui passariam os mais importantes esforços civilizacionais, a resolução de quase todos os problemas sociais. De pouco valeram os avisos de Ortega y Gasset – e de tantos outros – dizendo que esta análise parte de um erro fundamental, o de supor que as nações são grandes porque a sua escola é boa: certamente que não há grandes nações sem boas escolas,

mas o mesmo deve dizer-se da sua política, da sua economia, da sua justiça, da sua saúde e de mil coisas mais.

A perspectiva de que a educação e conseqüentemente o professor é o condutor da mudança, parte de algumas premissas que não se relacionam com a realidade, pois amplifica a importância do professor no processo de transformação da realidade e da redução das desigualdades, considerando-a quase que como uma ilha dentro da sociedade. É destinado à educação um papel central na sociedade, sendo que podemos identificar dois sentidos nessa visão: a dos professores; e a de entidades empresariais, governos, políticos e organismos internacionais.

A visão dos professores fundamenta-se em uma identidade construída ao longo do tempo de que os professores são a vanguarda do movimento de transformação que leve a construção de uma outra sociedade mais justa, fraterna e igualitária. Com isso, tem-se uma intencionalidade em afrontar e substituir a visão hegemônica por outra que eles julgam a correta. Como afirma Nóvoa (1994) os professores se arrogam a condição de arautos do progresso.

Essa concepção coloca sob os ombros dos professores uma carga muito superior à que eles podem carregar, pois estando inseridos em um problema maior inerente a própria sociedade, como é o caso da desigualdade, por exemplo, se submetem a cobranças que nunca poderão responder. Cada vez mais são imbuídos de novas tarefas para além das estritamente pedagógicas o que tira-lhes o foco, tornando-os vulneráveis a críticas e contestações. Precisam lidar com casos de gravidez na adolescência, problemas familiares, questões de violência no entorno da escola, apenas para citar alguns exemplos.

E, julgando-se detentores de novas verdades que devem substituir as hegemônicas apenas estão substituindo uma por outra, sem perceber que com isso, utilizando o conceito de sociedade administrada, formulado por Adorno, estão apenas trocando os administradores. Com certeza esse não é o caminho para uma educação voltada a emancipação que vise a constituição de uma sociedade livre. Em qualquer espaço a liberdade individual, especialmente na escola, deve ser preservada sob pena de nos tornarmos autoritários, ainda que revestidos de uma aura libertadora.

Já a visão do segundo grupo – entidades empresariais, governos, políticos e organismos internacionais – parte de uma relação entre educação e mercado, atribuindo a ela o papel de formadora de mão de obra qualificada, seja lá o que querem dizer com isso. Defendem a valorização do professor, sua qualificação e uma remuneração adequada, no entanto não passam do discurso. Na prática reduzem a docência a transmissão de técnicas que possibilitem a inserção de forma qualificada no mercado de trabalho. Essa forma de ver o papel do professor na centralidade da questão tem como consequência sua responsabilização pelos maus resultados do sistema educacional.

O que podemos perceber é que isso não propõe uma mudança significativa do papel do professor que vise o desenvolvimento, mas sim um aprisionamento do trabalho docente em manuais, práticas de gestão e ensinamentos voltados ao mercado. Sem contar que com isso o professor perde sua autonomia e a possibilidade de elaborar novos conhecimentos que ocasionem a criação de novas formas de condução do processo educativo. O professor torna-se um mero técnico, executor de tarefas pré-estabelecidas.

De fato, a perspectiva que mais interessa é a primeira, mas não tinha como não mencionar a segunda que tem adquirido uma força muito grande no contexto educacional contemporâneo, inclusive com engajamento de muitos governos que adotam esse modelo.

3.2 O PROFESSOR DESENCANTADO: REFÉM DAS CIRCUNSTÂNCIAS

A outra postura que me chamou atenção nessa breve caminhada foi a de professores que se tornaram autômatos, não admitem qualquer possibilidade de mudança. A situação é essa e continuará assim. Não se permitem sequer refletir sobre suas práticas e a consequência destas. Geralmente tendem a reproduzir práticas que desestimulam os educandos, os demais professores e a si mesmos.

A docência transformou-se em uma profissão como qualquer outra, desconsiderando aspectos que a diferencia de muitas outras profissões, como o fato de se trabalhar com pessoas, mais do que isso, na maioria das vezes com

crianças e adolescentes. Não se dispõe a nada que não esteja previsto como atividade do professor, são resistentes e contrários a novidades.

Nessa perspectiva o professor não reflete sobre sua responsabilidade no bom ou mal andamento da educação como um todo, culpa alunos, governos, famílias, equipes diretivas, enfim todos tem responsabilidade menos ele. Essa postura é visível especialmente em reuniões de professores, que é onde deságuam todas as magoas destes. É normal nesses casos a utilização da baixa remuneração para justificar um trabalho de baixa qualidade e a desmotivação presente no dia a dia.

Esse é o quadro da docência que vi pintado a minha frente e é contra ele que pretendo lutar. Não vejo possibilidades de evolução em nenhuma dessas posturas, pois como já mencionei ambas são exageradas e equivocadas, embora apresentem em suas configurações muitos aspectos que são necessários à docência, talvez em outra medida. No caso do professor transformador é inegável a necessidade de que educadores tenham em mente a possibilidade de participar da transformação por meio da educação. Já no caso do professor refém do sistema, precisamos sim estar consciente dos problemas – que não são poucos – existentes no contexto da escola, e partir daí partir para ações. Tendo em mente tudo que foi exposto até então, posso agora de forma mais eficaz responder as minhas inquietações iniciais, o que apresento a seguir.

Na busca por um novo caminho nas próximas páginas desse trabalho parafraseando Isaac Newton subo no ombro de gigantes para enxergar mais longe e encontrar um caminho para a docência na contemporaneidade.

4 ALGUMAS ALTERNATIVAS: NEM A UTOPIA, NEM O DESENCANTAMENTO

Nas três partes que seguem desse trabalho apresento o pensamento de alguns teóricos a respeito de alguns aspectos da atividade docente, com o intuito de visualizar alternativas válidas ao exercício da profissão docente.

4.1 A DOCÊNCIA COMO INTERAÇÃO, PERMEADA POR SABERES.

A docência como um trabalho interativo, essa é abordagem desenvolvida por Tardif e Lessard (2009). Isto é, a docência é “uma forma particular de trabalho sobre o humano, ou seja, uma atividade em que o trabalhador se dedica ao seu “objeto” de trabalho, que é justamente outro ser humano, no modo fundamental da interação humana” (2009, p. 8). Nesse sentido ao trabalhar com outros seres-humanos de forma contínua é importante ter em mente que “as pessoas não são um meio ou uma finalidade do trabalho, mas a matéria-prima do processo de trabalho interativo e o desafio primeiro das atividades dos trabalhadores (2009, p.20).

Acredito ser importante considerarmos a docência como um trabalho marcado pela interação e que tem o ser humano como objeto, mas também como sujeito, pois desta forma humanizamos a educação, deixando de lado uma visão meramente mercadológica que coisifica o ser humano. O professor no seu ofício precisa ver a totalidade da pessoa, não apenas um aluno que está ali para “receber” conhecimento:

Ora a educação repousa basicamente sobre interações cotidianas entre os professores e os alunos. Sem essas interações a escola não é nada mais que uma imensa concha vazia. Mas essas interações não acontecem de qualquer forma: ao contrário, elas formam raízes e se estruturam no âmbito do processo de trabalho escolar e, do trabalho dos professores sobre e com os alunos (TARDIF e LESSARD, 2009, p. 23).

Se, enquanto docentes, trabalhamos com outros seres humanos como objeto, nossa responsabilidade é ainda maior, a necessidade de reflexão a cada

atitude é indispensável para a realização de ações benéficas a todos os envolvidos nesse processo:

O tratamento reservado ao objeto, assim, não pode mais se reduzir à sua transformação objetiva, técnica, instrumental; ele levanta as questões complexas do poder, da afetividade e da ética, que são inerentes à interação humana, à relação com o outro (Idem, p.30)

Nesse enfoque, Tardif e Lessard (2009) esclarecem que ensinar é “trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos, para seres humanos (p.31). Para tanto é necessário ter em consideração que a prática docente integra diferentes saberes.

Tardif (2002) afirma que o saber docente é um “saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais” (p.54). O autor afirma também que a experiência dá origem ao saber que é núcleo principal de todo saber docente que segundo ele, é “formado por todos os demais saberes, mas retraduzidos, polidos e submetidos às certezas construídas na prática e na experiência” (p. 54).

Se o saber oriundo da experiência é o núcleo vital dos saberes docentes fica demonstrado que a vida pessoal dos professores está imbricada a sua atividade profissional. De acordo com Tardif (2002, p. 11), “o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos e com outros atores escolares”.

Os saberes referidos pelo autor como necessários à docência compõe um conjunto de conhecimentos imprescindíveis ao enfrentamento de situações intrínsecas ao ato de ensinar e funcionam como potencializadores do trabalho docente. A noção de saberes defendida pelo autor engloba diversos conhecimentos, tanto que para ele, o professor ideal é:

(...)alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber pratico baseado em sua

experiência cotidiana com os alunos. Essas múltiplas articulações entre a prática docente e os saberes fazem dos professores um grupo social e profissional cuja existência depende, em grande parte, de sua capacidade de dominar, integrar e moralizar tais saberes enquanto condições para a sua prática. (TARDIF, 2002, p.39)

O problema apontado por Tardif em relação aos saberes reside no fato de que os professores se colocam na posição de meros transmissores de saberes que não controlam e nem definem, que tem sua origem externa a prática docente. Cabendo ao professor apenas o saber pedagógico, relacionado aos procedimentos metodológicos de transmissão.

A relação que os professores mantêm com os saberes é a de transmissores, de portadores ou de objetos de saber, mas não de produtores de um saber ou de saberes que poderiam impor como instância de legitimação social de sua função e como espaço de verdade de sua prática, noutras palavras, a função docente se define em relação aos saberes, mas parece incapaz de definir um saber produzido ou controlado pelos que exercem (TARDIF, 2002, p.40)

Partindo da análise apresentada fica claro que não há como separar a docência da vida pessoal, da individualidade e do pensamento do professor, no entanto toda experiência de vida não é suficiente para exercer esse ofício, é necessário também outros saberes que se misturam e complementam ao saber da experiência. Mais do que isso, os professores precisam construir saberes e não apenas transmitir aqueles construídos fora da prática docente.

4.2 AO PROFESSOR O QUE É DO PROFESSOR

No artigo “Os professores e as histórias da sua vida” Nóvoa (1995) afirma que o modo com que cada professor ensina está diretamente relacionado aquilo que somos como indivíduos, não há como dissociar essas duas dimensões: o eu profissional do eu pessoal.

A resposta à questão, Porque é que fazemos o que fazemos na sala de aula? Obriga a evocar essa mistura de vontades, de gostos, de

experiências, de acasos até, que foram constituindo gestos, rotinas, comportamentos com os quais nos identificamos como professores. Cada um tem o seu modo próprio de organizar as aulas, de se movimentar na sala, de se dirigir aos alunos, de utilizar os meios pedagógicos, um modo que constitui uma espécie de segunda pele profissional. (1995, p.16)

Analisando as mudanças que ocorreram na sociedade nas últimas décadas e também na profissão docente Nóvoa (1995), enfatiza os conflitos vividos pelos professores nesse período em que a demanda por mudanças é uma tônica. Para ele, isso levou a ocorrência do chamado mal-estar docente, consequência das transformações e do aumento das cobranças e exigências dirigidas aos professores.

Para ele um ponto fundamental na evolução da profissão docente é a forma como os professores se relacionam com o saber: são eles portadores e produtores de um saber próprio ou são apenas transmissores e reprodutores de um saber alheio. O saber dos professores é eminentemente científico ou técnico?

É na resposta a essa última pergunta sobre a forma do saber dos professores que as visões distintas sobre a profissão docente são constituídas e conseqüentemente projetos contraditórios de desenvolvimento profissional (NÓVOA, 1995)

O autor também alerta para a proletarização do professor que tem ocorrido ultimamente que está relacionada com “a intensificação do trabalho docente (inflação de tarefas diárias e sobrecarga permanente de atividades) e com a introdução de práticas administrativas de avaliação” (NÓVOA, 1994, p.6).

As conseqüências dessa proletarização são nefastas para os docentes que incapazes de investir em sua formação e necessitados de orientações abrem mão de sua função intelectual de construir novos saberes e mesmo técnicas de ensino. Fazem apenas o necessário e obvio, sem motivação não acrescentam nada à docência:

A intensificação leva os professores a seguirem por atalhos, a economizarem esforços a realizarem apenas o essencial para cumprirem a tarefa que têm entre mãos; obriga os professores a apoiarem-se cada vez mais nos especialistas, a esperarem que lhes digam o que fazer, iniciando-se um processo de depreciação da experiência e das

capacidades adquiridas ao longo dos anos. A qualidade cede o lugar à quantidade. Finalmente, é a estima profissional que está em jogo, quando o próprio trabalho se encontra dominado por outros atores (APPLE, apud NÓVOA, 1994, P.7)

Nesse sentido ao falar das reformas educacionais em voga, deve-se evitar a culpabilização e desvalorização dos professores como tem acontecido. Para Nóvoa nessa situação de mudança:

Os professores têm de afirmar a sua profissionalidade num universo complexo de poderes e de relações sociais, não abdicando de uma definição ética – e, num certo sentido militante – da sua profissão, mas não alimentando utopias excessivas, que se viram contra eles, obrigando-os a carregar aos ombros o peso de grande parte das injustiças sociais. (1994, p.6)

Essa atitude é necessária para que não incorramos em um discurso histórico que os professores adotaram por longo tempo e muitos ainda adotam da docência como missão de transformar o mundo:

A causa do mal-estar dos professores prende-se, sem dúvida, à defasagem que existe nos dias de hoje entre uma imagem idílica da profissão docente e as realidades concretas com que os professores se deparam no seu dia-a-dia. Semuma compreensão exata desta crise é impossível encontrar novos caminhos para a educação e para os professores. (Idem)

Os paradoxos colocados aos professores interferem em sua atividade, exigem deles uma renovação constante e o posicionamento frente as diversas demandas propostas à escola pelos governos e pela sociedade, o professor precisa dar conta de conhecimentos diversos e de situações novas aos olhares de todos, ocorre que na tentativa as vezes desesperada de dar as respostas que todos esperam os professores aderem às modas:

Hoje, mais do que nunca, as modas invadem o terreno educativo. Em grande parte, devido à impressionante circulação de ideias e a velocidade quase delirante das inovações tecnológicas. A adesão pela moda é a pior

maneira de enfrentar os debates educativos, porque traduz uma fuga pra frente, uma opção preguiçosa, porque falar de moda dispensa-nos de tentar compreender (NÓVOA, 1994, p. 8)

Está implícito no pensamento de Nóvoa que para encontrarmos saída para a crise em que se encontra a docência, para os desafios dessa profissão é necessário que os professores assumam os rumos de suas carreiras e da profissão de forma individual e coletiva, não se pode aceitar que todas as ordens venham de fora do ambiente escolar, de cima para baixo. Essa é uma postura adequada à docência, mas certamente ensejará muita oposição e críticas, mas com isso os professores já estão acostumados, é uma condição intrínseca à docência.

4.3 A EDUCAÇÃO POR COMPETÊNCIAS

Um dos autores mais utilizados nos cursos de licenciatura e também em provas de concursos para professores é Philippe Perrenoud cujas obras principais trazem as competências como necessárias à prática docente.

O conceito de competência é definido por Perrenoud (2000) como “umacapacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação” (p.15). Acrescenta que as competências não são saberes ou atitudes, mas “mobilizam, integram e orquestram tais recursos” (Idem).

Perrenoud (2000) relaciona no livro “10 novas competências para ensinar” o que seria necessário para o professor ensinar em uma sociedade em que os conhecimentos estão mais acessíveis, quais as competências que precisam ser desenvolvidas na formação de professores:

1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem;
2. Administrar a progressão das aprendizagens;
3. Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação;
4. Envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho;
5. Trabalhar em equipe;
6. Participar da administração da escola;
7. Informar e envolver os pais;

8. Utilizar novas tecnologias;
9. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão;
10. Administrar sua própria formação contínua.

Dentro dessas dez competências principais o autor afirma existirem competências mais específicas que seriam seus componentes principais, e mesmo estas poderiam ser decompostas em outras.

Em um primeiro contato com essas indicações pode-se concluir de forma errônea que o autor acredita na resolução instantânea de problemas pela simples aplicação de uma competência, seguindo um manual como se isso bastasse para que o docente se transforme em um profissional competente e eficaz. Na própria introdução do livro o autor afirma que a obra:

(...) pretende ser um convite para viagem, e para debate, a partir de uma constatação: os programas de formação e as estratégias de inovação fundamentam-se, com demasiada frequência, em representações pouco explícitas e insuficientemente negociadas do ofício e das competências subjacentes ou, então, em referenciais técnicos e áridos, cujos fundamentos o leitor não assimila. (PERRENOUD, 2000, p. 19)

Para ele as competências profissionais são construídas ao longo da formação e no exercício da docência, dessa forma o professor não é simplesmente um técnico que consulta um manual e escolhe uma orientação a seguir, é um ser ativo que elabora ou reelabora conhecimentos, inclusive a partir de saberes existentes. Nesse sentido Perrenoud (2002, p. 11) afirma que um “profissional nunca parte do nada, tenta não reinventar a roda”, reconhecendo assim, saberes existentes.

Em relação às competências Sacristán (2011) afirma que devemos atentar para o discurso por trás do uso de determinados conceitos, pois eles não são neutros, tem intencionalidade:

O discurso acerca do conceito de competência do qual nos ocupamos é cheio de significado em diferentes âmbitos de discurso, práticas e ações que emprestam ao termo significados singulares, diferentes conforme os contextos, de sorte que o tornam flexível e interpretável (p. 15).

Fiz referência a essa ressalva levantada por Sacristán pois muitas vezes o conceito de competências é utilizado de forma engessada para fazer cobranças aos professores e cobrar o alcance de metas. Além disso, o autor também ressalta o fato de que o mesmo conceito, que parece ser novidade já está presente na educação, às vezes com outros nomes.

Feita essa ressalva retorno ao pensamento de Perrenoud que discorre sobre a formação integral dos professores, que para tal deveriam construir e atualizar as competências indispensáveis ao exercício individual e coletivo da responsabilidade e da autonomia, sendo necessário para tanto uma ação reflexiva da parte do professor. Além disso, a “profissionalização no ofício do professor pode parecer um slogan inócuo se os professores recusarem a autonomia e as responsabilidades ligadas a ela.”(PERRENOUD,2002, p. 53).

Tendo percorrido muitas páginas desses grandes teóricos da educação e da ação docente sinto-me seguro em trilhar o caminho da docência com passos firmes e com a mente segura do que preciso fazer e com a certeza de que na profissão docente é necessário reinventar-se dia-a-dia, sempre considerando que o objeto do nosso trabalho são pessoas. São essas e outras considerações que compartilho no próximo seguimento desse trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES

Nem tão ao céu, nem tão ao mar, como diz o ditado, precisamos encontrar um meio termo entre as duas posturas docentes visualizadas por mim em minha trajetória docente. Acreditar que é possível construir um outro mundo é uma condição necessária para a atividade do professor voltado para uma educação humanística, centrada no educando, no entanto, é preciso estar atento para todos os problemas inerentes aos sistemas educacionais modernos, como o descaso dos governos, o desinteresse dos alunos e das famílias, as péssimas condições de trabalho, entre outros. Mas para que seja possível refletir de uma maneira completa é preciso considerar a problemática e a complexidade social. A escola não deve ser vista de forma isolada, por exemplo se pensarmos em escolas de periferias inseridas em situações de extrema pobreza, na verdade essa própria condição não coaduna com princípios educacionais.

Diante das práticas presenciadas e com auxílio dos teóricos utilizados, para mim duas constatações são evidentes para a efetivação de uma ação docente capaz de realizar o professor:

A primeira constatação é de que a docência é um ofício que extrapola os muros da escola, somos professores o tempo todo, não deixamos o trabalho na escola, ele nos acompanha seja fisicamente – livros, provas – seja mentalmente, quando ficamos imaginando, planejando, refletindo sobre o que fizemos ou deixamos de fazer em sala de aula.

A segunda, é que a docência exige de nós conhecimentos que vão muito além da formação recebida no curso de licenciatura e em consequência disso a conquista de novos saberes precisa ocorrer por toda a vida, seja em cursos de formação continuada ou em nossa vida pessoal, nas interações e vivências que temos cotidianamente.

O que está em jogo nesse momento, não é somente que tipo de sociedade queremos, mas sim, que tipo de seres humanos queremos, pois são esses que formarão aquela, com base em seus ideais, em seus preconceitos e em suas aprendizagens. É importante ressaltar que não cabe exclusivamente à escola refletir sobre isso, cabe a todas as instituições que formam a sociedade, porém a

escola tem um papel fundamental, pois todos – deveria ser assim – passam pela escola em algum momento da sua vida, e a própria estrutura e os objetivos para os quais a escola se destina propiciam essa função formadora.

A docência é uma porta que se abre para o desconhecido, é fácil identificar, por nossa experiência na escola e mesmo na faculdade, que tipo de professor não queremos ser: não queremos ser conteudista, tradicional, expositivo, autoritário, enfim, são muitos os adjetivos que não queremos receber enquanto professor.

Precisamos imaginar um professor dotado de saberes, como aponta Tardif, que incluem sua experiência de vida e não apenas um conhecimento enciclopédico já produzido pela humanidade. Nesse sentido, precisamos abrir mão de nossas verdades, de nossos preconceitos e de tudo que possa ser imposto aos alunos. Precisamos nos abrir para o mundo dos alunos, ouvir as perguntas dos alunos e a partir disso construir um planejamento em que os alunos e não os saberes do professor seja o centro desse. O conhecimento tem de ser visto como uma construção futura, não a repetição de conhecimentos já construídos.

Após essa experiência docente e as leituras realizadas para a concretização desse trabalho, tenho a convicção de que mais do que uma atividade técnica, lecionar é uma atividade humana e humanizadora, que tem como pré-requisito: gostar de pessoas, mais ainda, acreditar na capacidade de criação de conhecimentos por parte das pessoas. Sem isso não há possibilidade do processo de ensino aprendizagem acontecer, isso da parte do docente.

Portanto, o professor na contemporaneidade precisa acreditar que a mudança é necessária – e possível, ainda que difícil – e considerar todas as dificuldades impostas pelo contexto atual, sob pena de frustrar-se em suas intenções. Já, na sala de aula não pode querer impor sua visão de mundo aos alunos, precisa incentivar a liberdade, os alunos devem ser livres inclusive para pensar “errado”. Não podemos querer substituir uma hegemonia por outra e sim proporcionar aos alunos por meio da interação a construção de novos saberes que façam sentido por meio da argumentação e da pergunta.

Por fim, fica a constatação que a docência tem que ser criticada e analisada dentro da complexidade que a envolve e não de forma singular, para que isso seja possível a escola e os professores precisam ser vistos dentro da

sociedade e como partícipes de todas as suas transformações e desafios. A escola e o professor não existem sozinhos.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
CODO, Wanderley e VASQUES-MENEZES, Iône. O que é Burnout? In: CODO, Wanderley; (org.). **Burnout, a Síndrome da Desistência do Educador, que pode levar à falência da educação**. Petrópolis. Vozes. 2006.

COSTA, Marisa Cristina Vorraber. **Trabalho docente e profissionalismo**. Porto alegre: Sulina, 1995.

ESTEVE, José Manuel. **O mal estar Docente**: A sala de aula e a saúde dos Professores. São Paulo. Edusc.1999.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **O que é Pedagogia**. São Paulo: Brasiliense, Primeiros Passos 2007.

NÓVOA, António. (org.). **Profissão Professor**. Porto: Editora Porto, 1999.

NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Editora Porto, 1995.

NOVOA, Antônio. **Relação Escola/Sociedade**: Novas Respostas Para um Velho Problema. São Paulo: UNESP, disponível em:

http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/24/3/EdSoc_Rel%C3%A7%C3%A3o_escola_sociedade.pdf, acessado em 18 de maio de 2014.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **A prática reflexiva no ofício do professor**: profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SACRISTÁN, Jose Gimeno. **Educar por competências**: o que há de novo. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SAVIANI, Demerval. **Trabalho e educação**: fundamentos ontológicos e históricos. In: Trabalho encomendado pelo GT – Trabalho e Educação, apresentado na 29ª Reunião da ANPED no dia 17 de outubro de 2006, em Caxambu.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2012.

TARDIF M. & LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2009.